

Sexualidade na Adolescência

Luís Pimentel¹

Aborda-se a sexualidade numa perspectiva integrada de desenvolvimento pessoal ao longo da vida. Situa-se o período da adolescência, como ponto focal no processo de promoção da saúde e da qualidade de vida.

Sinalizam-se as transformações corporais e psicológicas que ocorrem nesta fase, salientando-se a importância da percepção e integração individual das mudanças, na relação do jovem consigo próprio e com as suas comunidades de pertença.

Efectua-se um breve enquadramento sobre a evolução das vivências da sexualidade na adolescência ao longo das gerações, criadas em estruturas socioeconómicas e políticas diversas, com modos de organização social, cultural e conhecimento científico distintos, mas

em que o racional e o emotivo sempre lutaram pela primazia.

Citam-se diversos estudos sobre a sexualidade, realizados em Portugal na última década e discutem-se os principais indicadores comportamentais.

Questiona-se se a definição das estratégias de mudança, que é frequentemente cognitiva, não deverá colocar um acento tónico na relação afectiva entre o Eu e o mundo, integrando de forma harmoniosa, nas acções promotoras de saúde, os valores, as crenças, os interesses, as necessidades, as motivações e as próprias capacidades de adaptação às exigências que os múltiplos e sucessivos contextos vão colocando ao longo da vida.

Partindo de diferentes campos de observação, envolvendo os principais in-

tervenientes na dinâmica de crescimento – o jovem adolescente e seus pares; os familiares; o sistema educativo; o sistema de saúde – colocam-se hipóteses sobre o papel e contributo de cada um destes vectores como facilitadores de uma sexualidade saudável.

Num contexto mais abrangente discute-se como a transformação de mentalidades se efectua pela integração nos hábitos quotidianos das crianças, dos adolescentes e adultos, das informações e formações que, ao nível familiar, educacional, assistencial e comunitário, vão sendo proporcionadas, experienciadas e assimiladas.

Nascer e Crescer 2009; 18(3): 208

¹ Coordenador do CAD VIH/SIDA do Porto